

Teoria social, realidade empírica e *habitus*: gênero e classe articulados como conceitos analíticos na recepção

Milena Freire de Oliveira-Cruz

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

O artigo situa-se no âmbito dos estudos de recepção e propõe a sistematização dos conceitos de classe e gênero como categorias analíticas. A partir de uma pesquisa realizada com mulheres da classe trabalhadora, refletimos sobre a formulação teórica e analítica de um objeto de estudo a partir da teoria social de Bourdieu e das perspectivas de Martin-Barbero e García Canclini. A fim de exemplificar a operacionalização do *habitus* em um estudo de recepção e consumo midiático, apresentamos o traçado teórico-metodológico de nosso estudo, através do que denominamos “esquemas analíticos”, que nos permitiram articular a teoria com o contexto social e a posição de classe e de gênero das entrevistadas.

Palavras-chave

Habitus de classe. Habitus de gênero. Estudos de recepção.

Introdução

Para a reflexão que propomos neste texto, partimos do princípio que as noções de classe e gênero são fundamentais para compreender desde a estrutura e legitimação da ordem social até a organização simbólica da experiência que os sujeitos têm de si e do mundo em que vivem. Considerado o foco dos estudos de recepção na análise das culturas vividas e na experiência cotidiana dos sujeitos para observar a relação instituída entre comunicação e cultura, é fácil perceber a necessidade de trabalhar estes conceitos como operadores analíticos e não apenas como categorias que classificam os grupos pesquisados.

Entretanto, ao mapear as abordagens da temática de gênero nos estudos de recepção latino-americanos, Escosteguy (2002) revela uma tendência nas pesquisas em adotar a categoria como uma variável socio-demográfica – pela distinção sexual entre feminino e masculino – ou ainda em abordar uma única categoria conforme papéis

sociais (mãe e dona de casa, por exemplo). Quando isso ocorre, alerta a autora, corre-se o risco de sucumbir a um discurso essencialista sobre gênero, sem problematizar a sua condição estruturante na sociedade.

A partir de observação semelhante sobre os estudos de recepção e consumo midiático nos programas de pós-graduação no país, Jacks, Sifuentes e Libardi (2017, p. 2010) afirmam que a perspectiva da classe, muitas vezes, tem sido reduzida à qualidade de dado sociodemográfico. Para eles, esse dado “[...] pode ser relacionado a um ‘temor’ na área da comunicação em adentrar em uma seara tão cara à sociologia, como é a classe social. Muitas vezes pouco adeptas aos enfrentamentos teóricos, as pesquisas empíricas na área acabam deixando de aprofundar temas fundamentais como esse”.

Ocorre que o engendramento das disposições de gênero e classe são pouco reconhecidos no cotidiano, uma vez que são tomadas como naturais ou universais. É a partir dessa operação velada que os papéis de gênero e de classe são perpetuados, essencializados e reproduzidos por práticas sociais e institucionais, sendo necessário investigar as bases intersubjetivas dos consensos que estruturam a vida social e, por consequência, a desigualdade (MATTOS, 2006).

A invisibilidade da operação das relações de gênero e classe, sem dúvida, se põe como um desafio ao estudo empírico. Uma coisa é reconhecer a validade e a pertinência dos debates teóricos que dão conta dos conceitos de classe e gênero como relacionais, seja como categoria analítica ou como processo social. Um segundo passo fundamental, mas nem sempre alcançado entre os estudos de recepção do Brasil, é sistematizar esta reflexão em termos metodológicos que permitam formular e analisar o objeto de estudo. Para Lopes (2005), a fragilidade da crítica metodológica das pesquisas no âmbito da Comunicação acaba por espelhar a falta de reflexão desse campo de conhecimento sobre si mesmo.

Temos em mente, portanto, que buscamos debater a confluência de dois eixos temáticos tidos como lacunas entre estudos das audiências: a intersecção entre os conceitos de gênero e classe e a sua operacionalização teórico-metodológica. Falamos em intersecção por entendermos que não se trata tão somente de agrupar as duas categorias em uma pesquisa, mas concentrar-se em *como* cruzá-las respeitando a especificidade de cada questão (SIFUENTES, 2014).

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar uma proposta analítica das categorias de gênero e classe a partir do conceito de

habitus de Bourdieu¹ (2008), tendo como pano de fundo uma experiência concreta de pesquisa, sendo possível visualizar a análise estrutural e o estudo empírico de forma simultânea. Apresentamos nossas reflexões e propomos um debate sobre articulação teórica e metodológica da pesquisa a partir de um estudo de recepção e consumo midiático realizado com oito mulheres da classe trabalhadora residentes na cidade de Santa Maria/RS – que vivem em sua experiência cotidiana a convergência da dupla submissão à dominação masculina e de classe.

Para uma melhor dimensão do caminho percorrido na investigação, destacamos que a coleta foi resultado de uma imersão profunda no cotidiano das mulheres observadas, que resultou num total de 88 encontros ao longo de oito meses. O contato aproximado com elas permitiu compreender suas trajetórias de vida, seus posicionamentos ao falar das relações de classe, de gênero e de trabalho e, principalmente, possibilitou perceber mais claramente a operação

das mediações da ritualidade e da socialidade durante o campo². Após a definição dos métodos e técnicas mais ajustados à proposta, chegamos à construção do que denominamos “esquemas analíticos”, que permitiram planejar a coleta, a análise e a interpretação dos dados distribuídos nos principais eixos teóricos. Os “esquemas” são, deste modo, a materialidade da discussão que propomos. Esperamos, a partir deles, estimular novos usos, apropriações e debates em torno da necessidade de associarmos os conceitos de gênero e classe como categorias analíticas no campo da comunicação, em especial entre os estudos de recepção.

Para isso, dividimos o artigo em quatro seções. Inicialmente, situamos algumas reflexões já realizadas por autoras feministas sobre a inter-relação de classe e gênero. No segundo momento, retomamos o conceito de *habitus*, enfatizando aspectos que vislumbram a observação da posição social da mulher de classe trabalhadora. Posteriormente, aproximamos a noção de *habitus*

1 A nossa principal referência para a adoção do conceito de *habitus* para debater a classe social no campo dos estudos culturais vem de Veneza Ronsini. O que procuramos neste trabalho foi ampliar a ideia para a perspectiva para o *habitus* de gênero e sistematizar o conceito para a proposta metodológica.

2 Nesse sentido, é preciso reconhecer que, em um dado momento da pesquisa, o volume de dados ultrapassou o limite previsto para a análise tendo em vista tratar-se de uma pesquisa individual: as gravações totalizaram 106 horas, que resultaram em 1038 páginas de transcrição. O volume exigiu uma dedicação exaustiva para compensar o tratamento necessário ao que já estava coletado. Nesse ponto, é importante destacar que o auxílio do software NVivo 10 tornou-se imprescindível para codificação e sistematização dos dados qualitativos.

aos estudos das audiências a partir das reflexões de Martín-Barbero e García Canclini. E, finalmente, apresentamos o traçado metodológico da pesquisa que realizamos, com o intuito exemplificar a operacionalização do conceito de *habitus* em um estudo de recepção.

Articulando gênero e classe

As relações entre homens e mulheres são carregadas de significados construídos histórico, social e culturalmente, que implicam desigualdades políticas, econômicas e sociais, e correspondem a papéis diferenciados segundo o sexo. Não significa, contudo, que o conceito de gênero se confunda com diferença sexual, pois, além de se derivar dessa diferença, é produto e processo de suas representações (PEREIRA, 2004).

Assumir o gênero como categoria analítica e como processo social significa problematizar os limites das abordagens descritivas ou de conceitos dominantes que acabam por não questionar efeitos e consequências de como o gênero funciona nas relações humanas e como ele dá sentido à organização e percepção do conhecimento (SCOTT, 1995³).

A ênfase na conceituação do gênero sob o prisma das relações de poder está presente na definição de Joan Scott (1995), dividida em duas proposições: a primeira, que o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; a segunda, que considera o gênero uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Para Saffioti (1992), a segunda proposição de Scott, que define o gênero como “um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (p. 86), é muito oportuna por dois motivos: a) por apontar que as relações de poder se exprimem, primordialmente, através das relações de gênero (uma vez que o gênero antecede a emergência das sociedades centradas na propriedade privada dos meios de produção); b) por demonstrar que o gênero permeia todas as relações sociais – o que articula gênero e classe social nas tramas de relações de poder (SAFIOTTI, 1992).

Se temos em mente, portanto, que “[...] não há verdade na diferença entre os sexos, mas um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la” (COLLING,

3 Temos consciência de que a discussão poderia assumir contornos mais amplos no que diz respeito às dinâmicas de mutabilidade e multiplicidade de identidades de gênero (PEREIRA, 2004). No entanto, em nossa pesquisa, restringimo-nos ao padrão heteronormativo e monogâmico das relações, tendo em vista nossa intenção de analisar os tensionamentos vividos pelas mulheres que constituem suas identidades de gênero dentro dos padrões hegemônicos.

2004, p. 17), chegamos à noção de que falar sobre as representações, as interpretações e relações que instituem o gênero pressupõe tomá-lo como categoria de diferenciação no campo das desigualdades sociais, tal como ocorre com a classe social. A articulação entre gênero e classe na reprodução da desigualdade é apontada da seguinte maneira por Bourdieu (2008, p. 102):

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente construídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações.

Desse modo, para Bourdieu, há uma correspondência entre a classe e a experiência da feminilidade, que, por sua vez, incide em diferentes maneiras de viver e representar a divisão do trabalho. Na análise que propomos, pensamos os vínculos de dominação como relacionais, de maneira que a reunião entre as posições de classe e gênero indicam um compromisso em refletir diferentes formas de opressão (ESCOSTEGUY; SIFUENTES, 2011). A convergência dessas duas desigualdades se

dá na experiência vivida pela mulher de classe popular que enfrenta uma submissão dupla, de classe e de gênero (RONSINI, 2015). Neste ponto, para visualizar maneiras de incorporar os dois indicadores empíricos em um estudo de recepção, é necessário buscar perspectivas que tenham em vista esta articulação, para que, então, seja possível estruturar um viés analítico.

A articulação entre os conceitos de gênero e classe não é um exercício novo, mas nem por isso configura um campo sem conflitos. De acordo com Skeggs (2004, p. 20), as feministas abandonaram as teorias de classe por dois motivos principais: a) a “aritmética política” de classe observa os sujeitos conforme classificações pré-ordenadas e especialmente voltadas para as ocupações masculinas; b) a classe é conceituada como uma relação de exploração com base na divisão do trabalho sem incluir em sua agenda o trabalho feminino e o trabalho doméstico.

Historicamente, existe uma tensão na relação do pensamento feminista com outras desigualdades, como classe e etnia. Em algumas correntes, havia um receio entre as pesquisadoras de fragilizar o pressuposto político do feminismo. Embora, a partir dos anos 1980, a vertente mais crítica do feminismo tenha reconhecido as demais desigualdades, essa articulação mostrou-se tímida no plano

analítico (PISCITELLI, 2008), sendo a abordagem mais diversificada do padrão inicial dos estudos de gênero (mulheres brancas, ocidentais, de classe média) apenas mais recente (SIFUENTES, 2014). No âmbito brasileiro, Mattos (2006,) faz uma crítica aos estudos de gênero que, mesmo articulando com o viés da classe, privilegiam os dados quantitativos e descritivos, sem traçar inter-relações valorativas entre os dois parâmetros ou esclarecer possíveis causas da dominação.

Os estudos de classe, por sua vez, também não consideram as questões de gênero com equidade. Neste âmbito, de modo geral, “[...] a dominação masculina seria apenas uma variação de uma relação que tem origens econômicas, na luta de classes” (SIFUENTES, 2014, p. 51). Não quer dizer que haja uma defesa explícita da supremacia da dominação de classe, mas um silenciamento das questões de gênero nos estudos marxistas que indicam a falta de relevância do gênero para esta corrente (p. 52).

Assim, é interessante perceber que, na perspectiva interseccional, os vieses de análise podem variar: existem desigualdades entre os gêneros dentro da mesma classe, do mesmo modo que é possível observar

desigualdades entre classes no âmbito de um mesmo gênero. Para Lovell (2004), são as diferenças manifestadas pelas distintas posições ocupadas no espaço social (estruturadas pela classe, estado civil ou etnia, por exemplo) que constituem hierarquias diversas em torno da experiência do ser feminino e inviabilizam o agrupamento das mulheres como uma classe em si. É necessário, portanto, em qualquer que seja o exercício analítico, empregar cautela para que a ênfase nas desigualdades de gênero não obscureça as identidades⁴ de classe social e vice-versa.

Em nossa pesquisa, partimos da hipótese central de Mattos (2006) de que a definição pré-reflexiva do papel social da mulher é constituída diferencialmente pela classe. Ou seja, a autora afirma que a experiência de gênero varia conforme a posição de classe. O que, no nosso caso, significa pensar que os modos como as mulheres da classe trabalhadora reconhecem e vivem os seus diversos papéis de mãe, esposa, dona de casa e trabalhadora, por exemplo, constituem-se, também, de acordo com a experiência da posição de classe que ocupam. E, embora Mattos (2006) acredite que a visão de mundo vinculada à classe se sobreponha aos demais *habitus*, a autora enfatiza que

o gênero não está subsumido na classe. “Ao contrário, a consciência da diferença dessas formas de solidariedade deve ajudar a percepção do peso relativo de cada qual” (MATOS, 2006, p. 164).

Tendo em vista a impossibilidade de se fragmentar a realidade social para observar seus diferentes processos e relações, é importante estar atento para perceber as “diferenças-semelhanças de gênero nas relações de produção, assim como as diferenças-semelhanças de classe nas relações de gênero. Em outros termos, esses dois tipos de relações são absolutamente recorrentes, impregnando todo o tecido social” (p. 192). Por isso, considerar classe e gênero, em reciprocidade, implica transitar entre o plano macro e o nível micro – desde a observação da dinâmica social até as relações entre os sujeitos que estão inseridos e constituem-se nessas relações.

Uma proposta analítica a partir da teoria de Bourdieu

Para Skeggs (2004), apesar de Bourdieu ter sido pouco atencioso com as feministas em suas obras, nos últimos anos sua teoria tem sido útil por permitir às ativistas recolocar a questão de classe em sua agenda. Nesse sentido, os textos bourdianos têm sido estudados e, através da adesão ou da crítica ao seu pensamento, colaboram tanto para desenvolver quanto para reformular teorias feministas.

Segundo a autora, a contribuição de Bourdieu na discussão feminista está no poder explicativo de sua obra, especialmente em três vertentes: 1. A ligação entre estruturas objetivas e experiência subjetiva; 2. O modelo metafórico do espaço social incorporado pelo volume de capitais; 3. A construção metodológica a partir da reflexividade, para pensar o lugar a partir do qual falamos.

Já para Lovell (2004), embora Bourdieu tenha pouco a dizer sobre o feminismo como um movimento político, ele contribuiu significativamente ao falar sobre o posicionamento das mulheres no espaço social, tanto em relação ao mercado de trabalho (cujas indicações vêm da participação no capital econômico), como na economia dos bens simbólicos (no que diz respeito aos capitais cultural e simbólico).

Nesse sentido, o conceito de *habitus* se constitui como sendo, ao mesmo tempo, um princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e um sistema de classificação de tais práticas que, em associação, constituem o mundo social representado ou o espaço os estilos de vida (BOURDIEU, 2008). Assim, os julgamentos e classificações produzidos pelo *habitus* podem referir-se à manutenção da ordem social a partir das relações sociais de dominação e exploração também entre os gêneros. Bourdieu (1999, p. 41) fala, portanto, em *habitus de classe* e em *habitus de gênero*:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de *habitus* diferentes, sob a forma de *hexis* corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino.

Bourdieu (1999) complementa sua reflexão situando o universo masculino ao lado público e oficial da vida coletiva, sendo o homem apto às tarefas espetaculares, que rompem com o cotidiano. Já às mulheres, fica reservado o lado privado, os trabalhos domésticos, invisíveis e até vergonhosos. Além disso, afirma que, na gênese do *habitus* feminino está o ser-percebido, “[...] incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros” (BOURDIEU, 1999, p. 79). Assim, o *habitus* de gênero é construído numa perspectiva relacional e naturalizada, norteando, desde o nascimento, as aspirações e os comportamentos esperados entre meninos e meninas, sendo, também, reconhecível visualmente pelos gestos, expressões e vestimentas que dividem masculino e feminino (SIFUENTES, 2014).

A esta altura do debate, é fundamental ressaltar que temos consciência que Pierre Bourdieu não necessariamente inovou ao apresentar as dimensões pré-reflexivas do gênero através da relação entre estrutura e agentes. Para Burawoy (2010), a reflexão proposta por Bourdieu sobre a dominação masculina obscurece⁵ pensamentos que articularam essa dimensão antes de sua obra. Foi o caso de Simone de Beauvoir, quando demonstrou de maneira profunda e bem articulada em *O segundo sexo*, ainda em 1949, as engrenagens que tornavam a dominação masculina natural, inevitável e eterna. Segundo Burawoy (2010) existia uma convergência entre ambos ao considerarem a dominação masculina uma forma extrema de dominação, por não ser reconhecida como tal.

Apesar desse reconhecimento, tendo em vista a ideia desta pesquisa de trabalhar uma proposta teórico-metodológica para articular classe e gênero de maneira interseccional como operadores analíticos, optou-se pela sistematização de esquemas de análise que se baseassem em um único conceito, nesse caso, o de *habitus* (de classe e de gênero). Assim, tornou-se possível conciliar a observação dessas duas desigualdades segundo a mesma lente

5 O problema exposto pelo sociólogo inglês é que Bourdieu se apropriou em sua obra uma parte significativa dos argumentos construídos por Beauvoir, sem citá-la. “Sendo assim, Bourdieu sancionou conscientemente e deliberadamente a mesma dominação simbólica que ele denunciou (BURAWOY, 2010, p. 133).

teórica, a partir da análise dos capitais que, somados e em relação, estruturavam o *habitus* das mulheres observadas.

Neste contexto, a noção de *habitus* como estrutura, cuja incorporação da divisão em classes lógicas organiza a percepção do mundo social, permite ver as propriedades relacionais do sistema de diferenças que distingue cada condição de tudo aquilo o que ela não é – o seu oposto (neste caso, feminino e masculino). Ou, como melhor define o próprio Bourdieu (2008, p. 164): “a identidade social define-se e afirma-se na diferença. O mesmo é dizer que, nas disposições do *habitus*, encontra-se inevitavelmente inscrita toda estrutura do sistema de condições tal como se realiza na experiência [...]”.

Tomando como pressuposto a afirmação de que “[...] é o *habitus* que constitui, de forma inarticulada e pré-reflexiva, a identidade” (MATTOS, 2006, p. 164), construímos nossa proposta de análise das identidades de classe e de gênero das mulheres da classe trabalhadora a partir da teoria de Bourdieu. Para Ronsini (2015), a epistemologia objetivista de Bourdieu dedica-se a analisar a dupla realidade compreendida entre a posição social e as representações que os sujeitos têm de si (ou seja, a consciência da posição que ocupam) e do mundo – o que remete aos conceitos de campo, capitais e *habitus*.

Para analisar o *habitus* de classe e de gênero, é importante ter em mente sua dimensão pré-reflexiva, em que os sistemas de percepção da realidade social e das distinções são incorporados como fatos, normalmente tidos como involuntários aos sujeitos e, por isso, de difícil transposição. Assim, a identificação do princípio gerador de práticas sociais pode se dar pelo estudo dos diferentes modos com que as mulheres da classe trabalhadora representam e reconhecem a si e suas visões de mundo, a partir da presença, falta ou tensionamento de determinados capitais (econômico, cultural, social e simbólico), que são postos em relação (MATTOS, 2006) em cada caso. Desse modo, entende-se que “[...] a posição social e o poder específico atribuídos aos agentes em um campo particular dependem, antes de mais nada, do capital específico que eles podem mobilizar” (BOURDIEU, 2008, p. 107).

Para Skeggs (1997), a formulação de Bourdieu de movimentos de capital permite observar como as diferenças são (re)produzidas e vividas, e ainda, porque determinadas posições sociais estão disponíveis e outras não, como são interpretadas, reconhecidas, rejeitadas ou buscadas – de modo que há investimento dos sujeitos em uma forma de identificação em detrimento de outra. As posições sociais, assim, trazem consigo o acesso ou limitação a capitais disponíveis. Por exemplo, é como reconhecer que uma mulher de

classe trabalhadora detém capital cultural menor (em volume e em legitimação) que uma mulher de classe média em função da diferente posição social que ocupa. Isso nos faz compreender que “[...] gênero, classe e etnia não são capitais, como tal, ao contrário, eles fornecem as relações em que capitais vêm ser organizados e valorizados⁶” (SKEGGS, 1997, p. 132, tradução nossa).

É importante apontar, ainda, que as posições sociais constituem a parte objetiva do campo, que, por sua vez, articula-se com a parte subjetiva, a disposição. A posição social é, assim, causa e resultado do *habitus* (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 36). As classes relacionam-se à posição social conforme três dimensões: a) o volume de capital (conjunto de recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos úteis para manter a posição); b) a estrutura do capital global (sua composição conforme o peso relativo dos diferentes capitais obtidos); c) a trajetória social (o passado, presente e futuro potencial), o que desconstrói a ideia de acaso no deslocamento dos agentes dentro do campo social.

A trajetória é um *campo dos possíveis* oferecido a um determinado agente, cuja mobilidade depende de acontecimentos coletivos

e individuais, da posição de origem e da disposição dos que vivenciam tais acontecimentos. As noções de vocação, aspiração e realização vêm dos ajustes entre disposições e posições explicitados nas trajetórias sociais, conforme o campo a que se pertence (BOURDIEU, 2008). Significa pensar que, em contextos de classe distintos, além das relações de capitais, a posição social muda conforme a dimensão temporal das trajetórias individuais. No caso das mulheres, pode se constituir conforme experiências e papéis que incidem em variações do processo de identificação de gênero, como a vivência (ou não) da maternidade, a inserção (ou não) no mercado remunerado de trabalho e o volume de responsabilidade pelos cuidados domésticos.

O *habitus* e a formulação teórica e analítica do objeto nos estudos de recepção

A aproximação entre o conceito de *habitus* com a perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero e a abordagem do consumo de Néstor García Canclini é um exercício fundamental para a reflexão que propomos neste artigo, ao articularmos classe e gênero no âmbito dos estudos de recepção. Para tanto, é importante retomar algumas

6 Do original: “Gender, class and ‘race’ are not capitals as such, rather they provide the relations in which capitals come to be organized and valued”.

considerações dos autores latino-americanos sobre o *habitus* na formulação de suas proposições teórico-metodológicas.

Para Martín-Barbero (2006, p. 19), os diferentes movimentos de interação com os meios estão associados “[...] às condições sociais do gosto, marcadas por níveis e qualidade da educação, por saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou audiovisual”. Em sua perspectiva, o *habitus de classe* é um dispositivo primordial para observar as práticas de recepção, uma vez que permite analisar a sistematicidade das práticas cotidianas, expectativas e gostos de acordo com as classes, bem como a relação com os meios de comunicação segundo a organização dos tempos e espaços no cotidiano.

Martín-Barbero (2006, p. 119) reflete, ainda, a maneira como o *habitus* possibilita a observação e sistematização das práticas cotidianas a partir de uma relação estreita com a ordem social:

Analizada a partir dos *habitus* da classe, a aparente dispersão das práticas cotidianas revela sua organicidade, sua sistematicidade. Onde não havia senão caos e vazio de sentido, descobre-se uma homologia estrutural entre as práticas e a ordem social que nelas se expressa. Nessa estruturação da vida cotidiana a partir do *habitus* é que se faz presente a eficácia da

hegemonia “programando” as expectativas e os gostos segundo as classes. E por aí passam também os limites objetivos-subjetivos que produzem as classes populares.

Se considerarmos que, segundo o autor, “o plural das lógicas de uso não se esgota na diferença social das classes, mas essa diferença articula as outras” (p. 302), é possível pensar que as relações e experiências vividas na cotidianidade pelas mulheres observadas nos mais diversos grupos sociais (escola, trabalho, amigos ou família) estão atravessadas pelas tensões que formulam seus *habitus* de classe. O que, por sua vez, incide sobre as formas como elas vão se relacionar com os meios – suas rotinas, seus modos de ver e os usos que fazem do conteúdo ali circulante.

Para García Canclini (1990), a dedicação de Bourdieu em incluir as questões culturais e simbólicas em suas investigações sobre as relações e diferenças sociais o destaca entre os principais sociólogos que produzem um sistema original de interpretação da sociedade. A partir de sua perspectiva, torna-se possível observar as diferenças de classe tanto pela relação com a produção e a propriedade de bens como pelo aspecto simbólico do consumo, a maneira pela qual o uso dos bens transmite significações (GARCÍA CANCLINI, 1990). É nesse sentido que as práticas culturais dominantes justificam seus privilégios para além da acumulação

material, dando espaço para um sistema conceitual de diferenciação e classificação que se situa “[...] no simbólico e não no econômico, no consumo e não na produção. Cria uma ilusão que as desigualdades não se devem pelo que se tem, mas pelo que se é” (p. 18, tradução nossa) – fortalecendo a ideia de que existem sujeitos “naturalmente” mais aptos ou merecedores do lugar de prestígio que ocupam.

Assim, segundo García Canclini (1990), a ação ideológica para construir o poder simbólico se dá principalmente nas relações de sentido, não conscientes, que se organizam no *habitus* e que só reconhecemos através dele.

Bourdieu trata de reconstruir em torno do conceito de *habitus* o processo pelo qual o social se interioriza nos indivíduos e logra que as estruturas objetivas concorram com as subjetivas. Se há uma homologia entre a ordem social e as práticas dos sujeitos não é pela influência pontual do poder publicitário ou das mensagens políticas e sim porque se inserem [...] em sistemas de hábitos, construídos em sua

maioria desde a infância. [...] O *habitus*, gerado por estruturas objetivas, gera por sua vez as práticas individuais, da conduta de esquemas básicos de percepção, pensamento e ação [...] O *habitus* “programa” o consumo dos indivíduos e das classes, aquilo que vão “sentir” como necessário⁸. (p. 26-27, tradução nossa).

A ressalva que Martín-Barbero (2006) faz ao conceito de *habitus* é semelhante ao que reflete García Canclini (1984): para ambos, ao observar a relação das práticas com a estrutura, Bourdieu tende a refletir essencialmente a lógica da reprodução, sem que haja espaço para pontuar a resistência ou a transformação social. Para García Canclini (1984), é essencial ter em mente que as práticas não são meras execuções do *habitus*, uma vez que, ao se transformarem em ato, atualizam-se conforme as condições propícias. “Existe, portanto, uma interação dialética entre a estrutura e as disposições e as oportunidades ou obstáculos da situação presente. [...] a abertura de possibilidades históricas diferentes permite reorganizar as disposições adquiridas e produzir

7 Do original: “en lo simbólico y no en lo económico, en el consumo y no en la producción. Crea la ilusión de que las desigualdades no se deben a lo que se tiene, sine a lo que se es.”

8 Do original: “Bourdieu trata de reconstruir en torno del concepto de *habitus* el proceso por el que lo social se interioriza en los individuos y logra que las estructuras objetivas concuerden con las subjetivas. Si hay una homología entre el orden social y las practicas de los sujetos no es por la influencia puntual del poder publicitario o los mensajes políticos, sino porque esas acciones se insertan [...] en sistemas de hábitos, constituidos en su mayoría desde la infancia. [...] El *habitus*, generado por las estructuras objetivas, genera a su vez las prácticas individuales, da a la conducta esquemas básicos de percepción, pensamiento y acción. [...] El *habitus* “programa” el consumo de los individuos y las clases, aquello que van a “sentir” como necesario”.

práticas transformadoras” (GARCÍA CANCLINI, 1984, p. 83, tradução nossa).

Para García Canclini (1990), embora Bourdieu se refira a Gramsci apenas de forma indireta em *A Distinção*, esta é uma de suas referências mais “naturais”, pois seus estudos demonstram como as estruturas socioculturais condicionam o conflito entre hegemônico e subalterno (ou dominante e dominado) e ajudam a perceber a potencialidade transformadora das classes populares e as limitações enfrentadas pelos sujeitos a partir da lógica do *habitus* e do consumo. Segundo o autor, existem limites nas duas perspectivas que precisam ser pontuados. Por um lado, o *habitus* tende a focar-se na reprodução social, o que pode sugerir uma visão unilateral do consumo e uma passividade ou dependência dos subalternos. Por outro, os estudos gramscianos, a partir de uma necessidade política de defender a cultura popular, tendem a pensar hegemônico e subalterno como exteriores entre si, focando especialmente na resistência dos oprimidos – sem apontar que há apropriação e subordinação no

momento em que os códigos hegemônicos constroem sua legitimidade ao demonstrarem também atender a interesses dos menos favorecidos (GARCÍA CANCLINI, 1984).

Nesse sentido, as limitações das perspectivas bourdianas e gramscianas descritas por García Canclini podem ser vistas como complementares. Não há apenas reprodução, há transformação na relação entre prática e estrutura, do mesmo modo em que os bens e mensagens hegemônicos interatuam com códigos subalternos. García Canclini (1990, p. 29, tradução nossa) reflete que, na construção do objeto de estudo, a combinação das duas perspectivas constitui-se em “[...] uma das tarefas chave para compreender a interação entre a inércia dos sistemas e as práticas de classes¹⁰”.

Temos, portanto, um aspecto relevante a ser considerado na construção epistemológica e analítica do objeto de estudo, no momento em que adotamos a perspectiva do *habitus* como conceito central para a observação da posição social das mulheres da classe trabalhadora e sua respectiva relação com as mensagens circulantes nos meios. É preciso

9 Do original: “Existe, por tanto, una interacción dialéctica entre la estructura de las disposiciones y las oportunidades u obstáculos de la situación presente. [...] la apertura de posibilidades históricas diferentes, permiten reorganizar las disposiciones adquiridas y producir prácticas transformadoras”.

10 Do original: “[...] una de las tareas claves para comprender la interacción entre la inercia de los sistemas y las prácticas de las clases”.

manter a vigilância para as possíveis transformações de sentido tanto na observação do *habitus* (vislumbrando o que há além da reprodução social) quanto na recepção e consumo midiático (estando alerta para leituras de apropriação, negociação e resistência).

Mantendo como princípio que a observação do exercício das práticas cotidianas se atualiza conforme as condições objetivas do contexto onde elas se engendram, García Canclini (1990) aponta, ainda, a necessidade de ponderar a proposta de Bourdieu conforme a realidade do contexto estudado. Para exemplificar, ele cita o estudo de Sérgio Miceli, que aplicou o modelo de Bourdieu para analisar a indústria cultural no Brasil, a partir das especificidades da realidade latino-americana. Segundo ele, diferente da sociedade europeia (cenário principal da observação de Bourdieu), em que há um mercado simbólico unificado e um sistema de classes integrado, aqui temos um campo simbólico fragmentado e uma maior heterogeneidade cultural.

Para remeter o conceito à observação empírica da pesquisa que realizamos, lembramos que o *habitus* se constitui pelo volume global de capitais em relação. O que permite perceber que as posições sociais variam conforme a composição dos capitais e o peso relativo que assumem de acordo com a evolução e a trajetória do sujeito no espaço social. Assim, as relações sociais de classe e de gênero produzem significados e associações que permitem compreender e incorporar as posições sociais de “mulher” e de “classe trabalhadora”, que,

por sua vez, são processadas simultaneamente e não isoladamente (SKEGGS, 1997).

Assim, sem perder de vista o cenário econômico, social e cultural que compõe o cotidiano vivido pelas mulheres, entendemos ser necessário propor a operacionalização do *habitus* na elaboração descritiva e analítica do estudo. Nossa proposta se constituiu através do que denominamos “esquemas analíticos” formulados a partir das reflexões de Bourdieu no que diz respeito aos quatro capitais (social, econômico, cultural e simbólico) e às composições dos *habitus* de classe e de gênero. A partir desses esquemas, pretendeu-se articular como o *habitus* se faz presente na observação da realidade empírica estudada e, posteriormente, na sistematização e análise dos dados.

O *habitus* tornado esquema: visualizando a teoria prática de Bourdieu

Para Lopes (2005), as instâncias metódica e técnica da pesquisa equivalem à objetivação da investigação a partir de quadros de análise que permitem a articulação entre conceitos teóricos e dados empíricos. Assim, o modelo metodológico proposto por Lopes (2005) origina-se em sua percepção da pesquisa enquanto estrutura e processo. No que diz respeito à estrutura, articula de maneira “vertical” níveis, instâncias e dimensões da investigação: epistemológica, teórica, metódica

e técnica. Já na ideia de processo está a articulação “horizontal” entre fases e momentos da pesquisa: a definição do objeto de pesquisa, a observação, a descrição e a interpretação. O que apresentaremos neste artigo diz respeito ao que a autora denomina metodologia *na* pesquisa, ou a prática metodológica enquanto processo. Tendo em vista o nosso objetivo, nos restringiremos a explicitar de forma detalhada a operacionalização do *habitus* na descrição e interpretação dos dados.

Antes, contudo, para melhor situar os caminhos para essa construção analítica é fundamental explicitar que o objetivo central da pesquisa que originou essa reflexão consistia em compreender de que modo as representações do trabalho feminino presentes na comunicação publicitária são interpretadas por mulheres da classe trabalhadora e como essas representações colaboram para a conformação dos seus *habitus* de classe e de gênero.

Assim, após a estruturação teórica do objeto deste estudo, a prática metodológica adotada seguiu os passos de Ronsini (2010) para o estudo do que ela classifica como “totalidade possível” para a recepção, que inclui o contexto social e cultural, o sujeito e sua posição de classe e o texto midiático.

Desse modo, elegemos como métodos descritivos o estudo de caso e a etnografia e, como

técnicas de coleta de dados, a entrevista, a observação participante e a assistência compartilhada. Ainda como recurso na fase descritiva, utilizamos o software de análise qualitativa NVivo 10, que permitiu operacionalizar os dados empíricos e articulá-los com os eixos teóricos. Assim, sistematizamos as etapas de observação, descrição e interpretação que compõem as instâncias metódica e técnica da pesquisa na Figura 1.

Como pode ser observado, os “esquemas analíticos” apresentados são referentes à fase interpretativa da pesquisa, se correlacionam com os eixos de estruturação do objeto e estão assim divididos: capitais econômico, cultural, social, simbólico, representações do trabalho feminino, recepção e consumo da publicidade.

Ressalta-se que os dados sistematizados nos “esquemas analíticos” que incluem a operacionalização do *habitus* são todos provenientes das entrevistas em profundidade, organizadas a partir de 11 roteiros que totalizavam 331 perguntas. Considerando o enquadramento da pesquisa nos estudos de recepção e consumo midiático, os roteiros tinham como baliza as mediações da socialidade e ritualidade (MARTÍN-BARBERO, 2006). Assim, as questões buscavam reconstruir o contexto social e cultural, o papel das instituições (trabalho, família, grupos sociais) e das

representações na constituição de suas identidades. Também procuravam compreender a experiência de interação das mulheres com a publicidade no cotidiano e como a apropriação simbólica dos comerciais remetia às distinções de gênero e classe.

Posteriormente, cada pergunta dos instrumentos de entrevista foi indexada no software NVivo 10 segundo a sua aproximação com os eixos de estruturação e análise do objeto. Esses eixos, por sua vez, foram subdivididos em novos codificadores (denominados “nós”¹¹) conforme se agrupavam os temas abordados nas perguntas. Esta sistematização permitiu uma observação dos dados empíricos à luz da teoria proposta, bem como possibilitou

agrupar, cruzar e comparar os depoimentos segundo as temáticas.

A organização dos dados de acordo com os eixos e seus desdobramentos possibilitou a visualização de seis esquemas que favoreceram a percepção da abrangência alcançada empiricamente e sua respectiva relação com a teoria: capital econômico, capital cultural, capital social, capital simbólico, representações do trabalho e, por fim, recepção e consumo da publicidade. Para melhor compreensão dos esquemas que dizem respeito ao *habitus*, optamos por situar teoricamente os capitais e as suas respectivas conexões para a observação das posições sociais de classe e de gênero.

Figura 1 – Sistematização dos eixos teóricos para formulação do objeto



Fonte: Elaboração própria (2016).

11 Na lógica do programa, a codificação e indexação dos dados é feita a partir dos “nós”, que podem ser organizados hierarquicamente, conforme a necessidade do usuário e, uma vez articuladas as fontes, elas permitem cruzamentos, sínteses, buscas e gráficos que auxiliam no processo de interpretação dos dados.

Capital econômico

Segundo Bourdieu (2013), em nossa sociedade, o capital econômico é a espécie dominante em relação aos demais capitais, cuja potência pode estar relacionada ao fato deste permitir uma gestão mais racional, calculada, no que diz respeito ao seu acúmulo, transmissão e lucro. Apesar da predominância do econômico, o próprio Bourdieu reforça que as diferenças objetivas, presentes nas propriedades materiais e nos lucros por elas gerados, “[...] se convertem em *distinções reconhecidas* nas e por meio das representações que fazem e que formam delas os agentes” (BOURDIEU, 2013, p. 111, grifos do autor). De modo que a existência das classes se respalda tanto na distribuição das propriedades materiais, quanto nas classificações e representações dessa distribuição que são produzidas pelos agentes, manifestadas pelo reconhecimento dos estilos de vida.

As diferenças econômicas e de propriedade, portanto, convertem-se em símbolo de distinção quando inseridas em relação com outras práticas, dentro de uma lógica simbólica de um dado universo social (BOURDIEU, 2013). De maneira que se manifesta a importância do mapeamento de todos os capitais na análise de estruturação das disposições e se reitera o argumento de que o capital econômico, isoladamente, é insuficiente para observar o *habitus* da classe trabalhadora.

Na construção do esquema analítico do capital econômico, nos interessava visualizar eixos temáticos que ajudassem a perceber de que modo a condição econômica impactava diretamente na vida concreta das mulheres entrevistadas. Assim, agrupamos no tema *consumo* as questões relativas ao modo como se organizava a rotina de compras, os planos materiais para futuro e as distinções entre o que consideravam necessário e supérfluo. Ainda num plano descritivo, procuramos analisar o *espaço doméstico* das mulheres observadas: o que dispunham de bens materiais e como organizavam orçamento e prioridades. No que diz respeito à relação direta entre capital econômico e *habitus* de classe, buscamos analisar como as mulheres *percebiam a sua posição*, as suas experiências em situações de *discriminação* e a *comparação* que faziam do estilo de vida de pessoas de classes distintas. Por fim, procuramos observar de que modo o capital econômico interferia na rotina a partir das práticas de *lazer* e dos rituais nos cuidados de *beleza*.

Capital social

O capital social refere-se às relações mundanas que podem, conforme o contexto, fornecer “apoios” úteis, como atrair/assegurar confiança ou servir de moeda de troca em determinado campo (BOURDIEU). No que diz respeito ao gênero, Bourdieu (1999) enfatiza entre as atribuições femininas a manutenção da solidariedade e integração familiar,

Figura 2 – Esquema analítico capital econômico

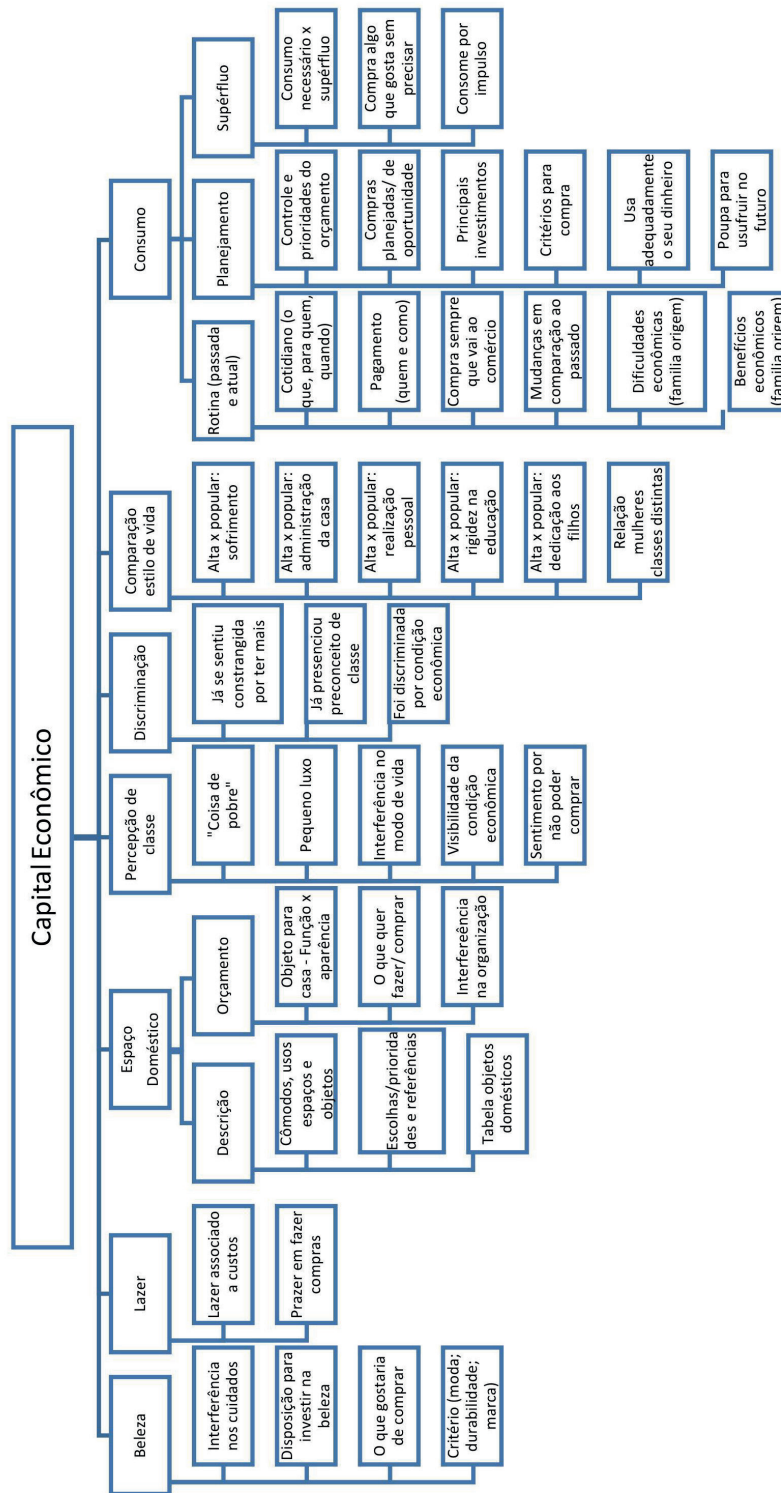
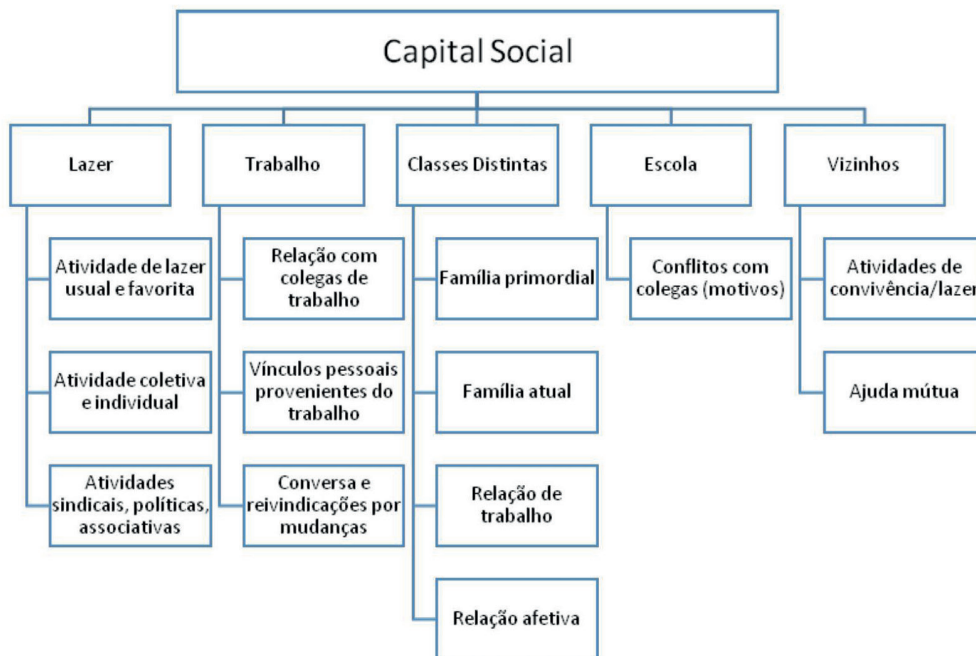


Figura 3–Esquema analítico capital social



Fonte: Elaboração própria (2016).

de modo a sustentar as relações de parentesco através de atividades rotineiras (como as refeições) ou das festas e celebrações, que asseguram as relações sociais e a projeção da família. São responsabilidades da mulher, também, as trocas de presentes e visitas como forma de manutenção do capital social.

Nesse sentido, é válido lembrar o papel desempenhado pela família na reprodução social das classes, cuja relevância pode variar conforme a possível ampliação das relações familiares com outros grupos e instituições de acordo com a posição social que ocupam (SAFFIOTI, 1992). O estudo do

capital social no âmbito das mulheres da classe trabalhadora pode privilegiar a família, mas isso não significa restringir a observação a este universo, tendo em mente que as diferentes relações e vínculos mantidos em outras esferas podem ser muito importantes para a análise dos *habitus* de classe e de gênero. Desse modo, na construção de nossa análise, incluímos no esquema analítico as relações de sociabilidade instituídas pelas mulheres entrevistadas em cinco eixos distintos: nos locais destinados a práticas de *lazer*, na *escola*, na *vizinhança*, no *ambiente de trabalho* e ainda as relações mantidas com *pessoas de classes distintas*.

Capital cultural

O capital cultural é “[...] produto garantido dos efeitos acumulados da transmissão cultural assegurada pela família e da transmissão cultural assegurada pela escola (cuja eficácia depende da importância do capital cultural diretamente herdado da família)” (BOURDIEU, 2008, p. 27). Inclui-se, nesse contexto, o capital cultural incorporado (presente nas disposições do corpo e da mente), o objetificado (materializado nos bens culturais) e o institucionalizado (referente a habilitações e títulos).

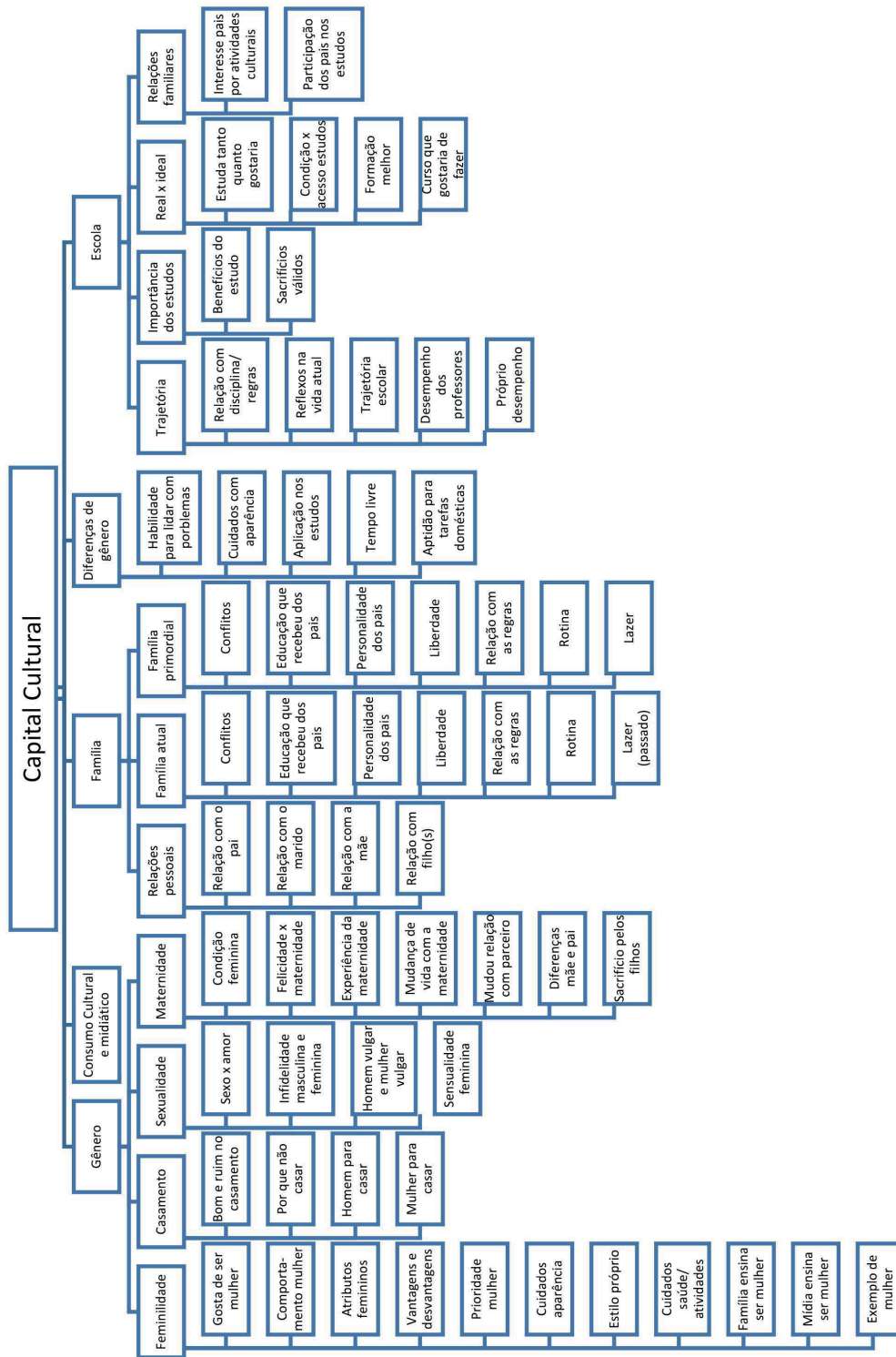
Na perspectiva do gênero, vê-se especialmente o estado do capital cultural incorporado, em que os discursos sobre feminilidade e masculinidade (sustentados pela família e por instituições como a escola e a religião) tomam corpo e podem ser usados como recursos culturais (SKEGGS), indicando o que vem a ser valores e comportamentos de homens e mulheres numa dada sociedade. No entanto, “[...] isso não quer dizer que as relações de gênero são puramente culturais”, alerta Skeggs, pois “[...] o capital cultural só existe em relação a outras formas de capital”¹² (1997, p. 131, tradução nossa). Assim, quando no âmbito das relações sociais, os atributos legitimados da feminilidade (como beleza ou

cuidado) adquirem valor de troca, o gênero pode ser negociado como forma de ganhar ou não perder capital e há, portanto, sua reconversão em capital simbólico (transformando-se em valor para o mercado matrimonial ou de trabalho, por exemplo).

Na construção de nossa pesquisa, buscamos privilegiar a relação instituída entre *habitus de gênero* e capital cultural a partir das experiências e das percepções que as entrevistadas tinham ao refletir questões sobre feminilidade, casamento, sexualidade, maternidade e ainda na maneira como viam as *diferenças entre homens e mulheres* no cotidiano. Ao observarmos o capital cultural originado na *família*, procuramos observar as relações pessoais que as mulheres tinham com os membros mais próximos, bem como investigamos a construção de valores sociais e morais através da percepção de conflitos, noção de educação familiar, liberdades e regras. O capital cultural formal, advindo da *escola*, foi observado através da trajetória de estudo das entrevistadas, a percepção que tinham sobre como o acesso à escola interferia nas suas vidas e no modo como o interesse pelos estudos estava presente das relações familiares. Por fim, procuramos entender como o capital

12 Do original: “This is not to say that gendered relations are purely cultural. They are not. Cultural capital only exists in relation to the network of other forms of capital[...]”.

Figura 4 – Esquema analítico capital cultural.



Fonte: Elaboração própria (2016).

cultural se construía a partir do *consumo cultural e midiático* das mulheres participantes da pesquisa: seus hábitos, suas preferências e a maneira como se relacionavam com o conteúdo midiático.

Capital simbólico

O capital simbólico “[...] é a forma como os diferentes tipos de capital assumem quando são percebidos e reconhecidos como legítimos¹³” (SKEGGS, 1997, p. 132, tradução nossa). Estando associado ao lucro de distinção que assegura, logo, ao reconhecimento social (o que compreende honra e prestígio, por exemplo), o capital simbólico só existe na relação entre as propriedades distintivas de sujeitos dotados de esquemas de apreciação dispostos a reconhecer estas propriedades como expressivas nas relações de força (BOURDIEU, 2013).

No âmbito do gênero, existem padrões hegemônicos normalmente associados ao *habitus* da classe burguesa, que indicam atributos que conferem o grau de legitimação da feminilidade, como a moral sexual, uso de vestimentas e cuidados com a estética corporal. Assim, a análise do capital simbólico é moldada pelo ajuste ou desajuste a tais disposições de gênero (RONSINI, 2015).

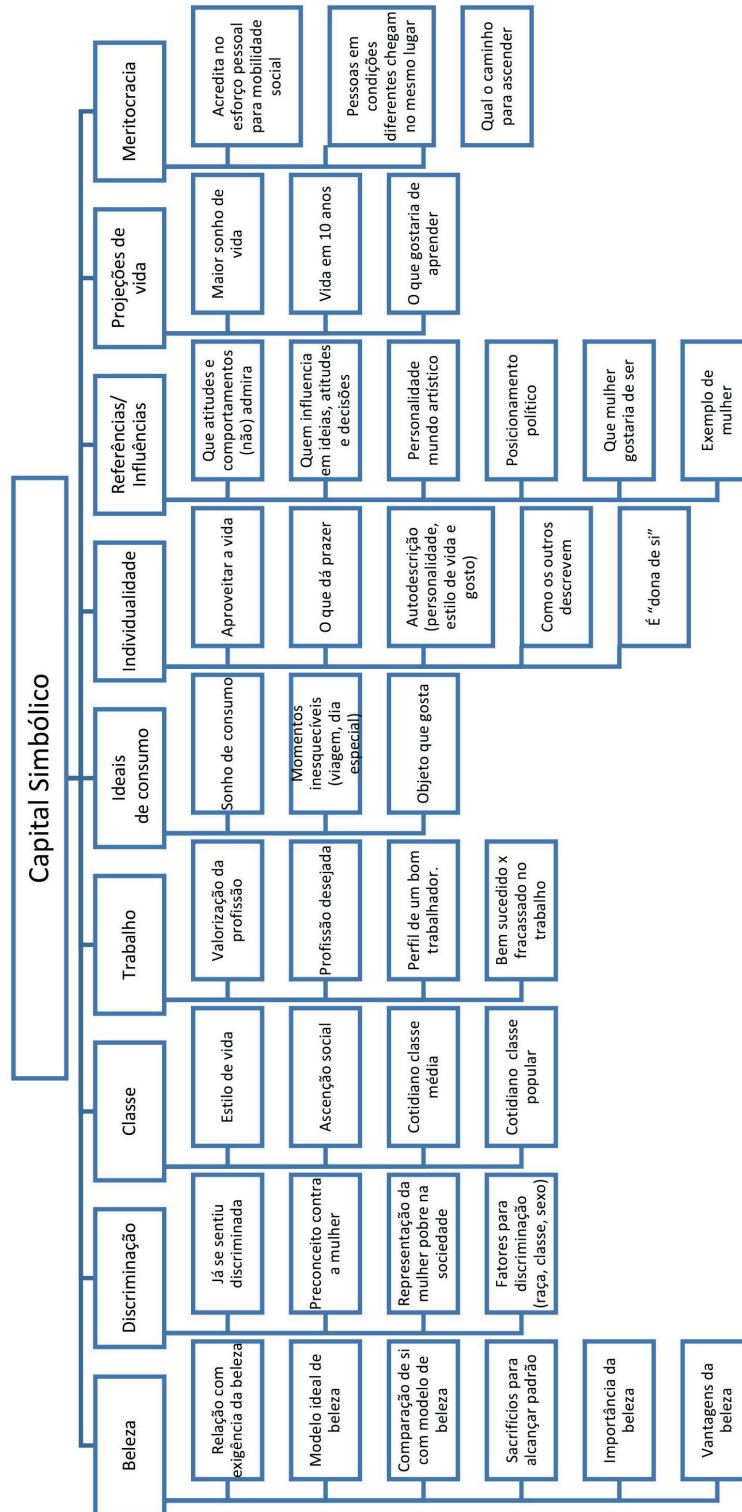
Nesse sentido, na construção do esquema analítico, procuramos perceber entre nossas entrevistadas como se constitui seu capital simbólico no que diz respeito a seus ideais e projeções: como lidam com o modelo hegemônico de *beleza* feminina, o que compreendem e como vivem as questões de *classe*, *meritocracia* e *discriminação* social. Quais são suas *referências e influências* de comportamento, de que maneira projetam o *trabalho* e o *consumo*. Por fim, procuramos entender como o capital simbólico está presente na *autodescrição* das entrevistadas: como entendem que aproveitam a vida, como veem suas personalidades em relação a um ideal de feminilidade, moral sexual, gosto e estilo de vida.

Considerações finais

A proposta de discutir sobre metodologia neste artigo vem da intenção de colaborar com o campo a partir do debate de uma experiência concreta de pesquisa. Tendo em vista a relevância da perspectiva do *habitus* em nosso estudo, é interessante ter em mente que “[...] na forma de pesquisar de Bourdieu, a análise estrutural e a pesquisa empírica se dão simultaneamente. A construção da matriz de relações, a estrutura de articulação entre as posições, acompanha, corrige e arremata

13 Do original : “[...] is the form the different types of capital take once they are perceived and recognized as legitimate.”

Figura 5–Esquema analítico capital simbólico



Fonte: Elaboração própria (2016).



a análise da lógica do campo” (THIRY-CHEQUES, 2006, p. 48).

Sendo esta uma pesquisa de recepção de âmbito sociocultural, a formulação teórica e analítica do objeto de estudo se deu através da articulação da teoria social de Pierre Bourdieu e as perspectivas das mediações e do consumo midiático. Isto significou adaptar a noção do *habitus* a partir das ponderações feitas ao conceito por Martín-Barbero e García Canclini. Ou seja, no âmbito das experiências cotidianas observadas, ao analisar as identidades de gênero e de classe através da incorporação do *habitus*, buscou-se compreender tanto a reprodução da desigualdade quanto as expressões de apropriações, negociações e resistências evidentes nas leituras das representações do trabalho feminino na publicidade.

A observação do percurso desenvolvido nesta pesquisa leva-nos a afirmar que o maior desafio encontrado para sua realização foi a construção de um aporte metodológico que compreendesse o engendramento entre teoria e empiria. A questão não estava na metodologia da pesquisa (ou seja, na formulação teórica do objeto), mas na metodologia na pesquisa (LOPES, 2005), no encontro de caminhos que permitissem, de forma (teoricamente e tecnicamente) organizada, operacionalizar o objetivo proposto para a investigação.

Por fim, reiteramos a necessidade de trabalharmos os conceitos de classe e gênero como dispositivos de análise do contexto e da posição social dos grupos observados em nossas pesquisas. Afinal, “[...]dominação masculina e dominação de classe são dois eixos centrais da estrutura social. Qualquer descrição densa do mundo social, para não falar na busca por sua transformação, precisa avançar na compreensão de sua inter-relação” (MIGUEL, 2017, p. 1234).

O traçado deste estudo foi iniciado a partir de caminhos já percorridos anteriormente por outros autores, que também mudaram suas reflexões, assim como o cenário da sociedade que observam e habitam. Assim, temos em mente que nossa proposta não é fechada, muito menos completa. Dito de outro modo, os esquemas que aqui expomos não se reivindicam como modelo, mas como ponto de partida para adaptações, contestações e debates que possam estimular a reflexão da nossa própria construção metodológica e conceitual como campo que reflete, a partir da comunicação, a cultura e a própria sociedade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, p. 105-115, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2014.

BURAWOY, Michael. As antinomias do feminismo: Beauvoir encontra Bourdieu. In: _____. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2010.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 7, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SIFUENTES, Lirian. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. **E-compós**, Brasília, v. 14, n. 2, maio/ago. 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cultura y organización popular: Gramsci con Bourdieu. **Cuadernos Políticos**, México, n. 38, p. 75-82, ene./mar. 1984.

_____. La Sociología de la cultura de Pierre Bourdieu (Introducción). In: BOURDIEU, Pierre. **Sociología y cultura**. México: Grijalbo, 1990.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. Do outro lado do balcão: foco na

publicidade. In: JACKS, Nilda (Coord). **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda; SIFUENTES Lirian; LIBARDI, Guilherme. Classe social: elemento estrutural (des)considerado nas pesquisas de recepção e consumo midiático. In: JACKS, Nilda et al. **Meios e audiências: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOVELL, Terry. Bourdieu, class and gender: the return of the living dead? In: ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley (Org.). **Feminism after Bourdieu**. Oxford/USA: Blackwell Publishing, 2004. p. 38-53.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MIGUEL, Luis Felipe. Voltando a discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1218-1237 set./dez. 2017.

PEREIRA, Verbena. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

RONSONI, Veneza M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 1-15.

_____. Telenovelas e a questão da feminilidade de classe. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 24., 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2015. p. 1-15.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SKEGGS, Beverley. Context and Background: Pierre Bourdieu's analysis of class, gender and sexuality. In: ADKINS, Lisa; SKEGGS, Beverley (Org.). **Feminism after Bourdieu**. Oxford/USA: Blackwell Publishing, 2004. p. 19-33.

_____. Classifying Practices: Representations, Capitals and Recognitions. In: Mahoney, Pat. Zmroczek, Christine. (Ed.). **Class Matters**. London: Taylor and Francis, 1997. p. 123-140.

SIFUENTES, Lirian. **Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê**: estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes. 2014. 299 f. Tese (Doutorado em Comunicação)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano. Pierre Bourdieu: a Teoria da Prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan/fev. 2006.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: "Dona de casa e da própria vida? Leituras sobre o trabalho feminino na publicidade por mulheres da nova classe trabalhadora."- tese defendida no POSCOM/UFES em 2016.

Fontes de financiamento: Capes–Bolsa Doutorado Sanduíche - Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa (2014).

Considerações éticas: não se aplica.

Declaração de conflito de interesses: não se aplica.

Apresentação anterior: Primeira versão do texto apresentada no Encontro da Compós em 2018–Belo Horizonte/MG.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não se aplica.

Social theory, empirical reality and habitus: gender and class articulated as analytical concepts in reception studies

Abstract

This paper falls within the scope of in reception studies and proposes the systematization of class and gender concepts as analytical categories. Against the backdrop of a reception study conducted with working-class women, a reflection on the theoretical and analytical formulation of an object of study based on the articulation of the social theory of Bourdieu, the perspectives of Martín-Barbero and García Canclini is proposed. In this regard, in order to exemplify the operationalization of the habitus in a study of media reception and consumption, the theoretical-methodological tracing of this paper is presented, from what the research called “perceptual schemes” based on the concepts of capitals that allowed to articulate the theory with the social context and the class and gender position of the interviewees.

Keywords

Class habitus. Gender habitus. Reception studies.

Teoría social, realidad empírica y habitus: género y clase articulados como conceptos analíticos en los estudios de recepción

Resumen

El texto se sitúa em el ámbito de los estudios de recepción y propone la sistematización de los conceptos de clase y género como categorías analíticas. A partir de una investigación realizada con mujeres de la clase trabajadora, reflejamos sobre la formulación teórica y analítica de un objeto de estudio desde la teoría social de Bourdieu y de las perspectivas de Martín-Barbero y García Canclini. A fin de exemplificar la operacionalización del habitus en un estudio de recepción y consumo mediático, presentamos el trazado teórico-metodológico de nuestro estudio a través del que denominamos “esquemas analíticos”, que nos permitieron articular la teoría con el contexto social y la posición de clase y de género de las entrevistadas.

Palabras clave

Habitus de clase. Habitus de género. Estudios de recepción.

Milena Freire de Oliveira-Cruz

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: milena.freire@ufsm.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5513-3837>